

A INFLUÊNCIA DO COLÉGIO DOS JESUÍTAS NA CONFIGURAÇÃO DA MALHA URBANA DE SALVADOR-BA (1549-1760)

Carlos Alberto Santos Costa

As origens deste trabalho estão atreladas às escavações arqueológicas empreendidas no sítio Pátio dos Estudos Gerais do antigo Colégio dos Jesuítas, realizadas na Praça da Sé de Salvador-BA, pela equipe de arqueologia atuante na FFCH/UFBA. Estas escavações, realizadas durante quase três anos (1999-2002), permitiram a evidenciação, registro e coleta de uma grande quantidade de materiais arqueológicos, fixos e móveis, que desde então vêm passando por um processo de estudos sistemáticos em laboratório.

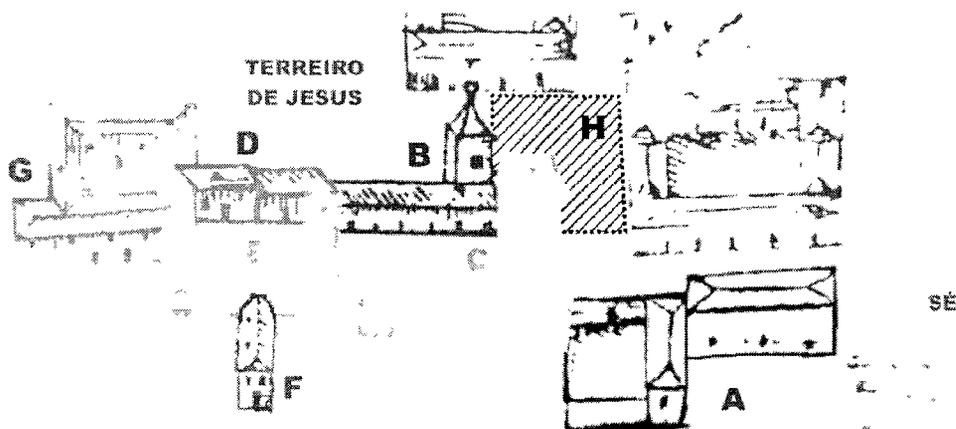
Neste trabalho, teve-se como objetivo apreender um aspecto pontual da ação da Companhia de Jesus no Novo Mundo, quando se realizou um estudo de caso específico: o Colégio dos Jesuítas em Salvador (1549-1760). O problema inicial consistiu na verificação da existência de um choque de ideais de ocupação espacial, português e jesuíta, na formação da cidade. Induziu-se a observação a ocupação espacial jesuíta, buscando entender como se configurou materialmente a relação entre o espaço do colégio e o espaço da cidade. Buscou-se verificar se ocorreu a convergência destes dois ideais, como foram absorvidos e quais os seus desdobramentos na conformação da malha urbana.

Para a análise desta hipótese serviram os estudos das normas de instalação das cidades na América do Sul, demonstrando como se configuraram aquelas fundadas pela Espanha e por Portugal. Observaram-se também as

normas de instalação dos colégios jesuítas e, com este *corpus* informativo, procurou-se compreender o objeto de estudo. Teve-se como base factual à pesquisa: documentos históricos escritos, iconográficos, arqueológicos e arquitetônicos. Entendendo o colégio como empreendimento da Companhia de Jesus, foram analisados três períodos deste complexo jesuíta.

No primeiro período, 1549-1561, apreendeu-se a partir de fontes históricas escritas dados referentes à aquisição, posse e instalação, quando foram avaliadas as premissas iniciais para fundação do colégio, de maneira que foi verificado que o setor norte do núcleo inicial de Salvador foi ocupado pelos jesuítas antes mesmo da cidade ter chegado a esta área, ainda no século XVI. Neste instante, o colégio, ou casas, funcionou em estabelecimentos provisórios, situados fora da muralha da cidade, servindo de atrativo ao crescimento da urbe para o norte.

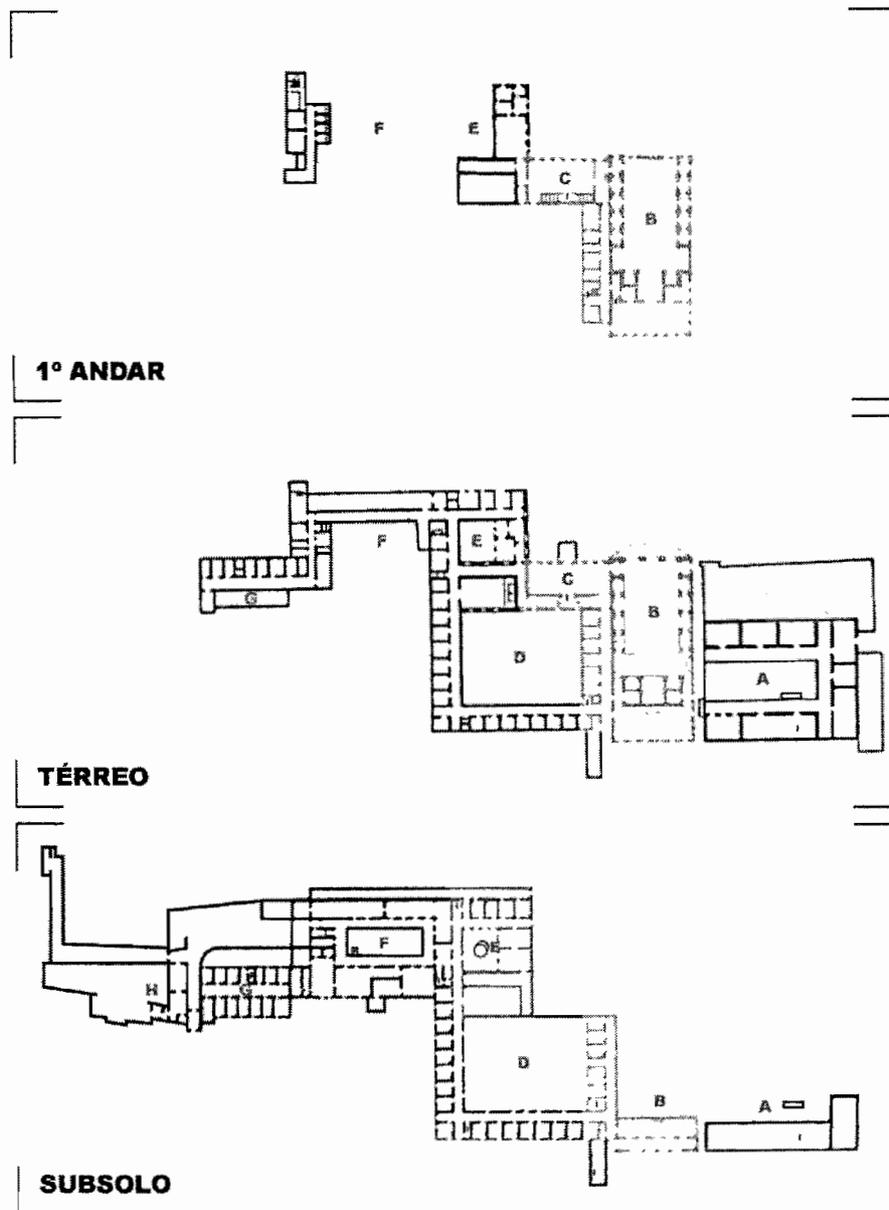
No segundo período, 1561-1657, a partir do confronto entre fontes históricas escritas, iconográficas, arqueológicas e arquitetônicas tratou-se da construção e localização do colégio, compreendendo sua organização interna, quando foi possível distinguir os diferentes setores de como teria sido este complexo no século XVI (imagem 1). Neste segundo momento da história do complexo jesuíta a igreja, que tinha um terreiro próprio, foi construída com fachada voltada para o núcleo inicial da urbe (a Praça do Governo), quando este setor conformava o centro decisório citadino. Complementarmente a estas informações, os dados obtidos na pesquisa, sobretudo arqueológicos, ainda permitiram apresentar um modelo de ocupação para a atual Praça da Sé, para o século XVI e XVII (imagem 3).



- A) Residências provisórias;
- B) Igreja de Men de Sá, localizada durante as escavações arqueológicas;
- C) Quartos da parte sul, com capela, enfermaria e adega;
- D) Corredor da portaria, procuratura, casa de hóspedes, livraria;
- E) Quartos, oficinas, refeitório dispensa, rouparia e noviciado;
- F) Cloacas;
- G) Pátio dos irmãos;
- H) Terreiro da Igreja de Men de Sá, localizado durante as escavações arqueológicas.

IMAGEM 1: localização das áreas do Colégio dos Jesuítas em Salvador entre o último quarto do século XVI e a primeira metade do século XVII. Identificação feita sobre imagem de Benedictus Mealius de 1624.

O terceiro período, 1654-1760, reflete um novo momento da história do colégio, pois, as novas demandas urbanas fizeram com que o edifício jesuíta necessitasse de uma reformulação, que faria com que sua igreja ficasse com a fachada voltada para o Terreiro de Jesus (maior e mais bem situado na malha urbana), re-significando a notoriedade do prédio e, conseqüentemente, deste setor citadino. Para abordar este momento, bem como o período anterior, foram utilizadas fontes históricas escritas, iconográficas, arqueológicas e arquitetônicas, que permitiram apresentar o novo programa arquitetônico do edifício (imagem 2). Ademais, foi elaborado outro modelo de ocupação à Praça da Sé para o século XVII e primeira metade do século XVIII, embasado pelos dados arqueológicos (imagem 4):



- A) Pátio dos Estudos Gerais;
- B) Igreja;
- C) Portaria;
- D) Pátio dos Padres;
- E) Pátio com algumas oficinas;
- F) Pátio da cozinha, refeitório, dispensa e enfermaria;
- G) Quartos dos recoletos;
- H) Quarto das escravas;
- I) Escadas.

LEGENDA

-  Áreas indicadas na planta de Caldas, não localizadas;
-  Áreas localizadas através de escavações arqueológicas;
-  Espaços Arquitetônicos ainda existentes;
-  Limite localizado a partir da fotografia de Mulock (1860).

IMAGEM 2: Plantas de José Antônio Caldas, de 1758, dos três pavimentos do Colégio dos Jesuítas. Fonte: MAE/UFBA e Oliveira, 1988: 90.



IMAGEM 3: Malha urbana do final do século XVI sobreposta a atual Praça da Sé. Desenho: Carlos Costa.

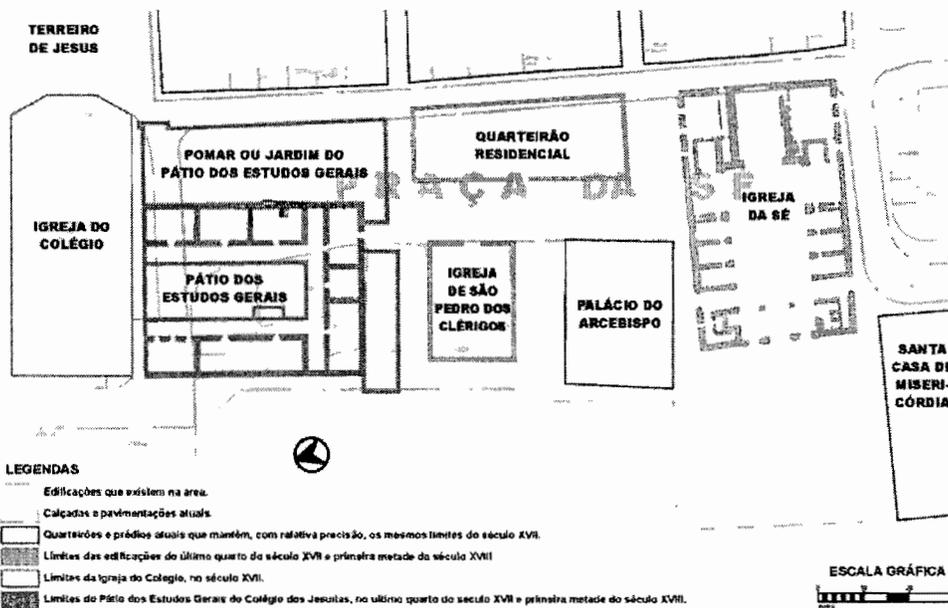


IMAGEM 4: Malha urbana do final do séc. XVII e primeira metade do XVIII sobreposta a Praça da Sé. Desenho: Carlos Costa.

Finalmente, com os dados obtidos pode-se concluir que o traçado da malha urbana do setor no qual o colégio estava inserido teve configuração induzida e influenciada pelos jesuítas. Os dados históricos escritos, históricos iconográficos e os aspectos materiais, demonstrados e revistos a partir dos dados arqueológicos, atestam nossa proposição.

Se no primeiro instante o colégio criou uma estratégia de ocupação espacial, expressa na malha urbana, que promovesse um diálogo direto entre cidade e unidade jesuíta, no segundo e terceiro instantes o colégio procurou se adequar às novas exigências sócio-espaciais, estando a serviço da cidade e fazendo-se servir por esta. Exemplo disto é que dois eixos de rua da malha da área projetada pelos portugueses unem-se retilinearmente a eixos de rua da área projetada pelos jesuítas (imagem 5). Ou seja, os jesuítas materializam espacialmente seus interesses sem concorrer com os interesses alheios. Eles admitem uma posição ponderada, inclusive na delimitação e inserção de edifícios na malha urbana.

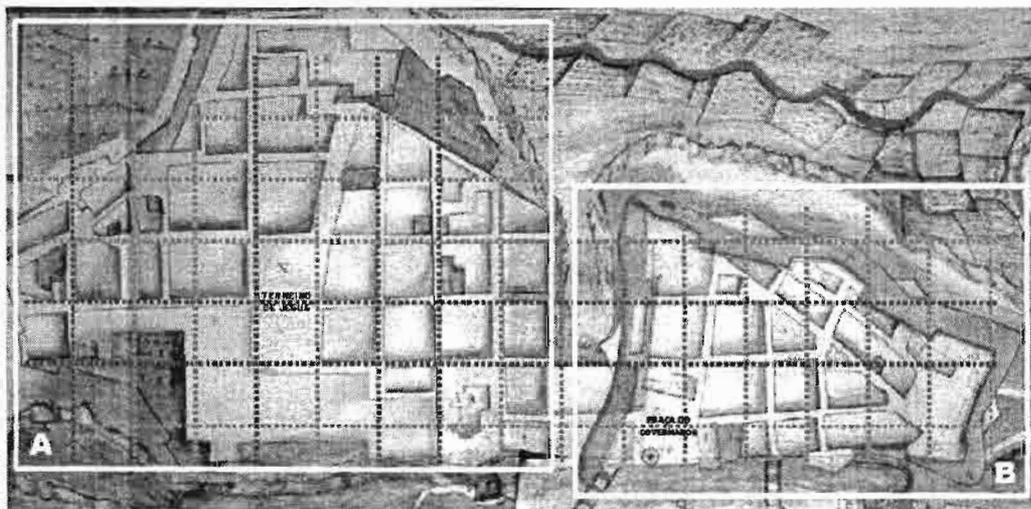


IMAGEM 5: Recorte da “Pranta da Cidade D. Salvador/na Bahia de Todos os Santos”, de autoria de João Teixeira Albernaz I, datada de 1605. Em rosa a área do colégio. A área “A”, delimitada por uma linha amarela, refere-se ao setor cuja malha urbana teria sido determinada pela ocupação jesuíta. A área “B”, delimitada por uma linha branca, foi o núcleo inicial fortificado, construído pelos portugueses. O tracejado colocado sobre a área “A” demonstra a relativa regularidade que existe na malha urbana, em oposição ao “B”; as linhas tracejadas vermelhas representam os alinhamentos das ruas que têm relação direta com o colégio. Observar que algumas ruas ligam retilinearmente ambos os setores da cidade.

As estratégias de ocupação espacial jesuíta ultrapassam os limites físicos de suas propriedades. Ela pode se dar pela imposição espacial do complexo a cidade ou, como demonstramos, fazer todo um setor da cidade estar agenciado em função do colégio, tornando a malha urbana um dos componentes do processo de dominação material e simbólica. Nesta linha de raciocínio, os dados que apresentamos acrescentam informações relevantes ao conhecimento sobre as ações da Companhia de Jesus no Brasil.